

**O “Qualis” como critério cientométrico: possibilidades para a subárea sociocultural e pedagógica da educação física na quadrienal 2017-2020**

*The “qualis” as scientometric criteria: perspectives for a sociocultural subarea and pedagogic of physical education*

Tadeu João Ribeiro Baptista

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)**

Natal-RN – Brasil

Cátia Regina Assis Almeida Leal

Thiago Borges de Oliveira

**Universidade Federal de Jataí (UFJ)**

Jataí-GO – Brasil

Minéia Carvalho Rodrigues

**Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)**

Barra do Garças-MT – Brasil

**Resumo**

Os estudos na área da cientometria e da bibliometria permitem analisar o surgimento de modelos de avaliação da produção científica, tais como o sistema Qualis da Capes. O objetivo deste artigo é avaliar como esse sistema tem sido usado para entender a produção acadêmico-científica relacionada pela Pós-Graduação em Educação Física, Área 21, e quais são os impactos dessa avaliação para as subáreas sociocultural e pedagógica. Foi feita uma pesquisa com extração de dados da Plataforma Sucupira da Capes, de *data sets* abertos do Coleta Capes, com 39 programas enquadrados na Área, no quadriênio 2017-2020. Os dados foram inseridos na ferramenta Metabase, versão 0.44.6, e, a partir dela, foram explorados os indicadores de interesse. Os resultados evidenciam que aspectos extrínsecos e intrínsecos à área têm sido desfavoráveis às subáreas sociocultural e pedagógica.

**Palavras-chave:** Bibliometria; Educação Física; Publicações.

**Abstract**

The studies in the area of scientometrics and bibliometrics allow us to analyze the emergence of models for evaluating scientific production, such as the Qualis system from CAPES. The objective of this article is to evaluate how this system has been used to understand the academic-scientific production related to the Postgraduate Course in Physical Education, Area 21 and what the impacts of this evaluation are on the sociocultural and pedagogical subareas. Research has been conducted with data extraction from the Capes Sucupira Platform, from open Coleta Capes data sets with 39 programs included in the Area, in the four-year period 2017-2020. The data was entered into the Metabase tool, version 0.44.6, and from there, the indicators of interest were explored. The results show that extrinsic and intrinsic aspects of the area have been unfavorable to the sociocultural and pedagogical subareas.

**Keywords:** Bibliometric; Physical Education; Publications.

## O “Qualis” como critério cientimétrico: possibilidades para a subárea sociocultural e pedagógica da educação física na quadrienal 2017-2020

### 1. Introdução

A Educação Física é um campo de conhecimento científico e acadêmico (Bourdieu, 1983) e tem como principal foco de disputa a produção de conhecimentos e saberes em duas grandes vertentes: o conhecimento elaborado nas ciências duras (*hard*), também denominadas de biodinâmica; o conhecimento elaborado pelas chamadas ciências brandas (*soft*), e o saber elaborado pela arte e filosofia, o qual está vinculado às compreensões sociais e culturais ligadas às práticas corporais, às metodologias de ensino, entre outras. Na última, encontram-se as denominadas subáreas sociocultural e pedagógica (Manoel; Carvalho, 2011).

Na pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física, Área 21<sup>i</sup> da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), existe uma tensão entre essas subáreas. Considerando os critérios que vêm sendo utilizados na avaliação dos Programas de Pós-Graduação (PPG), indica-se que há uma hegemonia da primeira em relação à segunda, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos (Manoel; Carvalho, 2011).

Entre os critérios de avaliação da Pós-Graduação, um dos itens com peso significativo são a produção e a divulgação do conhecimento científico por meio de artigos, que, de algum modo, contradizem as duas funções centrais dos cursos de Mestrado e Doutorado: preparar pessoal para atuar no Ensino Superior (Graduação e Pós-Graduação) e formar pesquisadores, pois o foco não deveria ser apenas a publicação, mas o entendimento de ciência.

Esta avaliação da produção se dá por parâmetros cientimétricos, ou seja, critérios de avaliação da ciência, por meio da análise feita a partir do lançamento das produções reportadas na Plataforma Sucupira, pelos Programas de Pós-Graduação da Área, classificadas em periódicos, livros, capítulos de livros, produção técnica, entre outros. Contudo, os periódicos têm recebido maior atenção nas apreciações da produção em nível nacional e internacional.

No Brasil, uma das formas de análise dessa produção se dá pelo sistema “Qualis”, que tem como objetivo classificar a produção do conhecimento dos PPG, das revistas científicas nas quais a pesquisa de professores e alunos é divulgada e, desse modo, entre outros indicadores, avaliar o nível dos Programas de Pós-Graduação de modo coletivo.

Como procedimentos metodológicos, adotou-se uma análise considerando a extração de dados da Plataforma Sucupira da Capes, de conjuntos de dados *data sets* abertos do Coleta Capes com 39 programas enquadrados na Área, no quadriênio 2017-2020. Foram considerados os conjuntos de dados intitulados Produção Intelectual de Pós-Graduação *stricto sensu* no Brasil e Autor da Produção Intelectual de Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* no Brasil, cujos dados foram inseridos na ferramenta Metabase, versão 0.454.16, e, a partir dela, foram explorados os de interesse. Outras fontes que compõem o corpus de análise deste estudo são: a) *Documentos da*

Capas; c) Artigos acadêmicos de interesse; e d) Livros sobre pesquisa e pós-graduação em Educação Física. Para apreciação dos resultados, adotou-se a análise quanti-qualitativa.

Este texto está estruturado em três partes. A primeira apresenta a revisão de literatura; a segunda, os resultados e discussão; e a terceira, considerações finais, indicando o possível “beco sem saída” das subáreas em questão.

## **2. A cienciometria e sua relação com o sistema “Qualis”: revisão de literatura**

Os métodos bibliométricos e cienciométricos<sup>ii</sup> fazem parte da ciência desde o início do século XX, apesar da controvérsia existente sobre o momento de desenvolvimento ou da realização dos primeiros estudos nesses campos. Okubo (1997) atribui o primeiro uso do termo a Pritchard a partir do estudo de Cole e Eales sobre Anatomia Comparada, em 1917. Contudo, Fonseca (1973, p. 5) atribui este termo a “[...] Paul Otlet quem, no *Traité de documentation* (1934), usou [...] aquela expressão, ao mesmo tempo em que cunhou a palavra correspondente, em língua francesa, a *bibliometrics*, isto é, *bibliométrie*” (Grifo nosso).

Esses dois termos apresentam definições e características diferentes, embora eles possam confundir-se e serem considerados a mesma coisa (Silva; Bianchi, 2001). A bibliometria se inicia com o estudo de Hulme, em 1923, propondo a ideia de uma estatística bibliográfica (Okubo, 1997). A cienciométrica se inicia com os estudos da metrologia no final do século XIX, que, após serem adotadas em várias ciências duras, acabam constituindo a “ciência da ciência” (Silva; Bianchi, 2001).

A bibliometria e a cienciométrica têm as suas especificidades. A bibliometria é definida como “[...] a aplicação de métodos matemáticos e estatísticos aos livros e aos outros meios de comunicação (Pritchard, 1969, p. 348-349 *apud* Okubo, 1997, p. 10, tradução nossa). Já a cienciométrica ou cienciométrica apresenta uma definição específica:

A cienciométrica está relacionada com a demografia da comunidade científica mundial e tem se tornado um tema importante não somente em países mais industrializados, mas também naqueles em desenvolvimento, que pretendem melhor distribuir os seus fundos de suporte à ciência (Silva; Bianchi, 2001, p. 6).

A cienciométrica possibilita compreender a ampliação e a história de diversas ciências, temas, pesquisas e pesquisadores de referência. A partir da bibliometria e da cienciométrica, podem-se identificar aspectos importantes para o crescimento, implantação e implementação de políticas públicas para a ciência e a tecnologia, identificando os campos científicos<sup>iii</sup> prioritários.

Na literatura cienciométrica, dois campos, entre outros, neste caso, a Educação Física (Sampaio, 2014; Lovisoló, 2014) e a Enfermagem (Avena; Barbosa, 2017), analisaram as influências das métricas sobre cada área de conhecimento pela Capes e os possíveis resultados dessas políticas

## O “Qualis” como critério cientométrico: possibilidades para a subárea sociocultural e pedagógica da educação física na quadrienal 2017-2020

na concessão de bolsas, abertura e fechamento de PPG e inserção do Brasil no cenário internacional de ciência e tecnologia.

O aparecimento da *SCI* propiciou o acesso a um número significativo de revistas, bem como a outras bases, como a *Web of Knowledge*, o qual inclui o *Web of Science* e o *Journal Citation Report (JCR)*. Depois da criação de várias bases de dados, foram desenvolvidos índices que ajudam a mensurar o desenvolvimento da ciência, estando entre os mais usados o fator de impacto, entre outros (Okubo, 1997), sendo a principal ênfase deste texto o fator de impacto.

O Fator de Impacto (FI) foi publicado inicialmente pelo *Institute for Scientific Information (ISI)*, criado por Eugene Garfield. Este apresenta o nível de qualidade dos periódicos, de acordo com o número de citações no último ano, dividido pela quantidade de artigos publicados em um período de tempo, grosso modo, nos dois ou cinco anos anteriores (Okubo, 1997).

Muitas vezes, essas métricas são criticadas devido à sua vertente quantitativa, ou são apontadas as suas limitações. Entre as limitações, é possível destacar: a) o número absoluto de citações indica apenas o quantitativo e não a qualidade dos textos; b) há dificuldade de comparação entre os diferentes campos acadêmicos devido às suas características; c) há falta de um modelo adequado para se compreender o processo de citação; d) a definição do FI<sup>iv</sup> vem apenas de uma base de dados, neste caso do *ISI*; e e) ao tipo de publicação mais citada na literatura (Avena; Barbosa, 2017).

Apesar das limitações apresentadas, até o momento, não se tem uma solução viável do ponto de vista internacional. É difícil estabelecer parâmetros consideráveis para serem adotados do ponto de vista da ciência, principalmente, porque o fator de impacto, entre outros<sup>v</sup>, já está consagrado internacionalmente. Também, deve-se registrar que a hegemonia científica se apoia em parâmetros quantitativos, contribuindo para o fortalecimento das ciências duras em detrimento das brandas, destacando-se que estas têm, muitas vezes, uma forma diferente de produzir conhecimento (Bourdieu, 2002).

Ademais, existem outras bases de dados e formas de avaliação da qualidade da produção que são utilizadas de acordo com as áreas e campos acadêmicos científicos, como é possível identificar nos trabalhos de Erdman *et al.* (2009) e Frigeri e Monteiro (2014). Esses estudos demonstram que as bases de dados podem variar, o que nem sempre torna adequado adotar uma única fonte de informação para a análise da qualidade dos periódicos. E, ainda, os processos de comparação entre países, campos de conhecimento, periódicos e pesquisadores passam, entre outras coisas, pelas relações sociais de cada um deles no contexto mundial (Bourdieu, 1983, 2002).

Mesmo que todos estes parâmetros sejam do conhecimento dos órgãos que regulam a pesquisa e a pós-graduação no Brasil, inclusive a Capes, há uma certa dificuldade de se avaliar a qualidade dos PPG de maneira coletiva. Em atenção a isso, a Coordenação criou, em 1998, um

sistema de avaliação da produção bibliográfica dos Programas de Pós-Graduação denominado “Qualis”<sup>vi</sup> (Brasil, 2014; Frigeri; Monteiro, 2014), uma análise cientométrica como critério para se fazer a avaliação de cada programa, a partir da produção dos docentes a ele vinculados. Destarte, o

[...] Qualis foi implantado em 1998 como parte integrante do processo de avaliação dos cursos de pós-graduação e, desde então vem sendo utilizado pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) como um importante instrumento na composição de indicadores para a avaliação destes cursos (Frigeri; Monteiro, 2014, p. 300, grifo nosso).

O “Qualis” tem o objetivo de fazer a avaliação da produção de conhecimento em artigos publicados em periódicos, livros, anais de eventos, entre outros. Contudo, o estágio de avaliação das publicações está mais avançado quanto aos periódicos, uma vez que os índices cientométricos já possuem critérios internacionais de análise como, por exemplo, o FI. De acordo com a Capes, o “Qualis” Periódicos é

[...] um sistema usado para classificar **a produção científica dos programas de pós-graduação** no que se refere **aos artigos publicados em periódicos científicos** [...]. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção (Brasil, 2014, p. 1, grifos do autor).

Os critérios adotados para avaliar a qualidade de um periódico eram estabelecidos por cada área de conhecimento até 2016, e isso foi foco de debate na ciência brasileira. Logo, havia diferenças de análises da produção estabelecidas em cada área, com critérios diferentes para um mesmo periódico, ou seja, uma revista pode ser muito bem avaliada como “Qualis” A1 em uma área e B4 em outra. Muitas vezes, os critérios variavam, mas os mais usados eram a base indexadora e o fator de impacto. Uma demonstração destes critérios se encontra nos estudos de Erdman *et al.* (2009), Frigeri e Monteiro (2014) e Sampaio (2014).

A partir do quadriênio 2017-2020, passou-se a usar um “Qualis” único no qual todas as áreas passaram a usar o mesmo “Qualis”, a partir da avaliação da área mãe (a área que mais envia artigos para um dado periódico), o que alterou de certo modo a dinâmica da avaliação, embora, essa avaliação única só tenha se consolidado em 2021, pois este modelo cientométrico é feito *à posteriori*.

Dito isso, cabe destacar que o sistema de avaliação da pós-graduação no Brasil, ao utilizar como referência o “Qualis” Capes, desperta na comunidade científica debates, controvérsias, limitações, avanços, contradições e induções, em todos os campos de conhecimento avaliados, incluindo a Educação Física, que, para além das questões atinentes a todas as áreas, apresenta essa

## O “Qualis” como critério cientiométrico: possibilidades para a subárea sociocultural e pedagógica da educação física na quadrienal 2017-2020

subdivisão em subáreas, denominadas biodinâmica, sociocultural e pedagógica. Embora não contidas no escopo formal da avaliação, elas têm materialidade no interior dos PPG em Educação Física<sup>vii</sup>.

### 3. Subáreas sociocultural e pedagógicas: resultados e discussões

A Educação Física contava, em 2018, com 59 cursos<sup>viii</sup> de Pós-Graduação *Stricto Sensu* reconhecidos e aprovados, sendo 35 cursos de Mestrado Acadêmico, 22 de Doutorado e 2 de Mestrado Profissional (Brasil, 2018a), o que correspondia a 37<sup>ix</sup> programas de pós-graduação em Educação Física. No quadriênio 2017-2020, a área contou com 39 programas de pós-graduação. No entanto, os dados aqui apresentados referem-se a 36<sup>x</sup>, pois 3 foram abertos durante o quadriênio e ainda não possuem informações cadastradas no Coleta Capes, sendo eles: 16 Mestrados Acadêmicos, o Doutorado Acadêmico, dois Mestrados Profissionais, um Doutorado Profissional, 20 Mestrados/Doutorados e um Mestrado Profissional/Doutorado Profissional. De seus 60 cursos: 36 são de Mestrado, 20 de Doutorado, 3 de Mestrado Profissional e um de Doutorado Profissional. Esses programas, em sua grande maioria, possuem linhas de pesquisa que se relacionam com as subáreas biodinâmica, sociocultural e pedagógica. Essas duas últimas estão, muitas vezes, associadas (Rigo; Ribeiro; Hallal, 2011; Manoel; Carvalho, 2011).

Vê-se, na Tabela 1, o panorama da distribuição da produção de conhecimento da Área 21, no último quadriênio, considerando as áreas de concentração.

Tabela 1 – Produção por área de concentração da Educação Física, período 2017-2020\*

Áreas de concentração dos PPGs	Número de áreas	Percentual Áreas	Produção por área	Percentual da Produção Total
Biodinâmica	34	54,00	18.937	50,30%
Sociocultural e Pedagógica	13	20,06	6.678	17,80%
Mistas	16	25,40	4.868	12,90%
Área não informada	0	00,00	7.134	19,00%
Total Geral	63	100,00	37.617	100,00%

\* Os programas podem ter mais de uma Área de concentração de acordo com as linhas de pesquisa e o tamanho do corpo docente.

Fonte: Elaboração própria, por especialista da área.

Pode-se identificar, na Tabela 1, como elemento de reflexão que, de um total de 63 áreas de concentração informadas, palavras como socioculturais (6 vezes), escola (2 vezes), educação (5 vezes), cultura (10 vezes), não deixando clareza acerca da característica predominante dessas subáreas em seus títulos, embora, tendam a induzir para as áreas sociocultural e pedagógicas. O que predomina são palavras que induzem ao pensamento de que o predomínio das temáticas

abordadas e indicadas pelas áreas de concentração de fato sejam as biodinâmicas em sua grande maioria.

Ademais, em alguns dos programas analisados, não foi possível identificar claramente a área de concentração. Ainda que estas áreas não tenham sido identificadas, foi possível identificar um número significativo de produção dos docentes destes programas, o que indica a necessidade de apresentar estes dados na tabela supracitada.

Na Tabela 1, apresentam-se as principais áreas de concentração dos programas, para as quais são adotadas três classificações, a partir da proposta de Manoel e Carvalho (2011): Biodinâmica, Sociocultural e Pedagógica. Também se considera uma área denominada como mista, por não conseguir demonstrar explicitamente uma única área de concentração. Essa classificação das áreas de concentração e linhas de pesquisa dos PPGs da Área da Educação Física, conforme se destaca acima, seguiu-se a proposta de Manoel e Carvalho (2011). Não obstante, ela foi feita por um especialista da área, cuja experiência permite classificar as áreas de concentração e linhas de pesquisa nas três classificações sugeridas acima. Tal classificação, para fins de melhor entendimento, comporá este artigo em materiais suplementares.

Na biodinâmica, foram identificadas áreas de concentração tais como Atividade Física, Saúde e Desempenho Humano; Biodinâmica do Movimento e Esporte; Desempenho Humano e Atividade Física; para citar algumas. Na Sociocultural e Pedagógica, foram Cultura, Educação e Movimento Humano; Estudos Pedagógicos e Socioculturais da Educação Física; Pedagogia e Motricidade Humana; entre outras. Lembra-se ainda que algumas áreas parecem ser mistas por demonstrar aspectos variados, tais como Aspectos Biodinâmicos e Socioculturais das Atividades Físicas; Atividade Física, Saúde e Educação; Estudos do Esporte, para demonstrar algumas áreas.

Outro ponto a ser destacado da Tabela 1 é a produção total e o percentual por área de concentração. Quando se analisam as áreas de concentração, tem-se PPG com ênfase na Biodinâmica (54,00%), Sociocultural e Pedagógica (20,06%) e; Mistas (25,40%). Todavia, ao se olhar para a produção, existe um percentual maior da produção apontada, sendo 18.937 da biodinâmica, 6.678 da área sociocultural e 4.868 das áreas mistas. Isso demonstra uma produção percentualmente maior da biodinâmica, comparada com as demais áreas. Os fatores centrais para essa discrepância podem se encontrar na forma de pesquisa e produção específica das ciências duras.

Evidencia-se, na Tabela 2, a análise no que se refere à relação entre as linhas de pesquisa identificadas e a produção do quadriênio 2017-2020.

O “Qualis” como critério cientométrico: possibilidades para a subárea sociocultural e pedagógica da educação física na quadrienal 2017-2020

Tabela 2 – Contagem da produção por linha de pesquisa

Linhas de pesquisa	Repetição de linhas	Percentual Linha	Produção por linha	Percentual
Biodinâmica	113	61,14	20.421	54,30%
Sociocultural	26	14,10	3.507	9,30%
Pedagógica	19	10,30	2.428	6,50%
Mistas	27	14,60	3.129	8,30%
Linha não informada	0	00,00	8.132	21,6%
Geral	185	100,00	27848	100,00%

\* Os programas geralmente possuem mais de uma linha de pesquisa.

Fonte: Elaboração própria, por especialista da área.

Na Tabela 2, apresentam-se as principais linhas de pesquisa dos programas, para as quais foram adotadas três classificações a partir da proposta de Manoel e Carvalho (2011): Biodinâmica, Sociocultural e Pedagógica. Além disso, foi acrescentado o que se denomina de linha mista pelo fato de algumas delas, aparentemente, mesclarem temas e, por outro lado, alguns programas analisados não demonstraram especificamente as suas linhas de pesquisa, sendo assim, definidas como “Linha não informada”, apesar de os docentes demonstrarem produção.

Na biodinâmica, foram identificadas linhas de pesquisa tais como Abordagens Biológicas do Esporte; Neurociências e Atividade Física; Termorregulação, Metabolismo e Fadiga nas Atividades Esportivas; entre outras. Na Sociocultural, aparecem a Educação Física e o Esporte para o Desenvolvimento Sustentável e a Paz; Estudos Sociofilosóficos sobre o Corpo e o Movimento Humano; Fenômeno Esportivo; Sociologia do Esporte e Segurança Pública, para demonstrar algumas linhas.

Entre as linhas de pesquisa pedagógica, estão Aspectos Pedagógicos e Socioculturais da Educação Física; Formação Profissional e Prática Pedagógica; Trabalho e Formação em Educação Física, por exemplo. Lembra-se ainda que algumas linhas de pesquisa parecem ser mistas, tais como Aspectos Psico-Sócio-Culturais e Pedagógicos Relacionados e Atividade Física e Saúde; Educação Física, Condições de Vida e Saúde; Estudos Sociais e Pedagógicos da Educação Física, Esporte e Lazer; Movimento Humano na Saúde das Comunidades.

Embora aqui as informações estejam também distribuídas em linhas de pesquisa, e há mais delas do que áreas de concentração, persiste o mesmo padrão indicado acima, predominância de termos que leva a crer que a maior quantidade de temas tratados e pesquisas produzidas está contida no campo da biodinâmica. Ademais, a produção da biodinâmica também é numericamente muito mais significativa do que aquela apresentada pelas outras linhas.

Os dados deste estudo evidenciam dois aspectos centrais a serem considerados quando se pensa na possibilidade de uso do “Qualis” para mensurar a produção do conhecimento nas subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física: os aspectos extrínsecos à própria educação física e os aspectos intrínsecos ao próprio campo de conhecimento.



Quanto aos aspectos extrínsecos e intrínsecos, quando se abordam os aspectos relacionados à produção do conhecimento nas subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física, existem, ao menos, três aspectos extrínsecos ao próprio campo que comprometem seus avanços: a) o produtivismo acadêmico; b) a intenção de aproximação de Áreas dentro da Capes; e c) a definição do “Qualis” dentro da Área 21. Precisa-se perceber que estes fatores têm, cada um a seu modo, um impacto diferente sobre as subáreas em questão.

O primeiro é o aspecto relacionado à ciência de um modo geral, que diz respeito ao produtivismo acadêmico. O produtivismo acadêmico é expresso por Sguissard (2010) como um fenômeno nascido nos Estados Unidos conhecido pelo lema *Publish or Perish* (Publicar ou Perecer) ou, nas palavras de Manoel (2015, p. 246), “Produzo, logo existo”, dando-se ênfase à quantidade da produção e não necessariamente à qualidade, relevância social ou científica. O produtivismo vem sendo estimulado pelo próprio processo de avaliação da Capes e torna-se mais intenso quando se adota o “Qualis” para a avaliação dos periódicos, considerando-se, sobretudo, o fator de impacto das revistas, pois Garfield (2005) diz que este não é o melhor, nem o parâmetro mais adequado, para se avaliar a qualidade das revistas.

Essa quantidade de produção é percebida na quadrienal 2017-2020 ao se encontrar 14.884 produtos publicados e informados na Plataforma Sucupira, do tipo produção bibliográfica e subtipo artigo em periódico. Considerando apenas um caso como exemplo, da produção da universidade com maior número de artigos em periódicos publicados neste período – USP (Universidade de São Paulo), no total de 1.211 (306, 330, 265 e 310, em 2017, 2018, 2019 e 2020, respectivamente), com uma média de 302,75 artigos por ano. Os 1.211 artigos, se fossem distribuídos igualmente entre os 40 docentes do programa, perfizeram uma produção média de 30,3 artigos por DP (Docente Permanente), enquanto o documento de área previa uma produção de cinco (5) produtos por DP no quadriênio, algo que pode provocar vários questionamentos, a serem explorados noutro trabalho.

O segundo aspecto extrínseco à Educação Física é a intenção da Capes de se aproximar das áreas de conhecimento (Brasil, 2018b). Este documento defende, em primeiro lugar, a manutenção do processo de avaliação que vem sendo realizado, pois tem demonstrado resultados expressivos, aspecto reconhecido também por Silva, Sacardo e Souza (2014) e Tavares (2015).

Por outro lado, a Capes apresenta um esgotamento do processo avaliativo e vem considerando a necessidade de internacionalização dos PPG, bem como o vínculo com setores não acadêmicos. Entre as diversas propostas de avaliação, estão a indicação das produções mais relevantes e uma redefinição do “Qualis” para torná-lo mais homogêneo, gerando um único “Qualis” para várias áreas (Brasil, 2018b), fato defendido por Rodacki (2016), então coordenador da Área 21. Ademais:

## O “Qualis” como critério cientiométrico: possibilidades para a subárea sociocultural e pedagógica da educação física na quadrienal 2017-2020

Há necessidade de uma reflexão sobre a definição das Áreas de Avaliação da CAPES. Atualmente são 49, de forma que há potencial sobreposição de áreas de conhecimento, pouca atenção à multi/interdisciplinaridade, além da própria questão da área específica. Tudo indica que é possível fundir Áreas com ganhos tanto ao emergir culturas avaliativas distintas quanto à racionalidade e clareza do processo avaliativo (Brasil, 2018, p. 21).

Essa proposta, em princípio, traria dificuldades para a Educação Física, considerando que essa não tem demonstrado, de forma geral, uma disponibilidade para a produção de conhecimento interdisciplinar, por exemplo, com diálogos entre os aspectos biodinâmicos, socioculturais e pedagógicos (Manoel; Carvalho, 2011), quanto mais com outras áreas de conhecimento.

Entretanto, há que se ter cuidado com o fato de o produtivismo acadêmico ainda ser uma balança que pesa apenas para um dos lados, considerando-se também que o documento de avaliação da Política Nacional de Pós-Graduação (PNPG) traz a possibilidade de se avaliar os programas a partir de um mesmo “Qualis”, ou seja, o mesmo estrato para um periódico em todas as áreas de conhecimento, seja pelo fator de impacto ou seus percentis<sup>xi</sup>. Esta forma de avaliação feita pela denominada área-mãe, aquela que tem mais afinidade com certo periódico, não foi bem-sucedida quando se procurou adotar este critério em única área, como foram os casos das Engenharias e das Medicinas (Campos, 2010; Lins; Pessôa, 2010; Rocha-e-Silva, 2009, 2011).

O terceiro e último aspecto a ser considerado é o fator de impacto que vem sendo adotado na Área 21 para as áreas sociocultural e pedagógica, a partir do FI das ciências duras (SCIE, com JCR  $\geq 1,6$ ), ainda que existam outros fatores, como o nível de aderência (ADE), e valores menores quando se consideram as ciências sociais (SSCI, com JCR  $\geq 1,0$ ) (Brasil, 2016).

Nos aspectos intrínsecos, são considerados outros fatores da própria área, embora sem desconsiderar a tensão em relação aos aspectos extrínsecos, pois estes pontos perpassam as disputas no campo (Bourdieu, 1983, 2002). Essas disputas passam pelos cargos, financiamentos de pesquisa, bolsas de estudo para estudantes e bolsas de produtividade para os pesquisadores. Entre esses aspectos, estão: 1) pontos sobre o objeto de estudo e a Educação Física como ciência da ação e a relação com as ciências básicas; e 2) algumas sugestões e ações de resolução da comunidade acadêmica.

O ponto inicial entre os aspectos intrínsecos diz respeito ao objeto de estudo e à maneira como se olha para a Educação Física. Debates em torno do seu objeto de estudo vem de longa data e se concentraram predominantemente nos anos 1990. Contudo, podem apresentar-se dois grandes grupos em relação à pesquisa: o grupo que considera o movimento humano (Manoel, 2015), uma perspectiva bem presente entre os pesquisadores da subárea biodinâmica, enquanto,

nas subáreas sociocultural e pedagógica, o objeto de estudo é sempre a “cultura”, seja ela corporal (Castellani Filho *et al.*, 2014), de movimento (Kunz, 2006), entre outras denominações.

Destarte, o estatuto epistemológico da Educação Física, sobremaneira as subáreas sociocultural e pedagógica como campo científico, não pode se prender aos fundamentos teórico-metodológicos das ciências *hard*, uma vez que as decisões estabelecidas pelo mandato social conferem outros parâmetros pautados pela multidisciplinaridade/interdisciplinaridade. Assim, os fundamentos biológicos deveriam contribuir, inclusive, para entender as demandas sociais postas ao corpo como expressão material do ser humano.

Entretanto, assim como a Educação Física na Área 21, as subáreas sociocultural e pedagógica são minoritárias, conforme se vê nas Tabelas 1 e 2, e, até mesmo contra hegemônicas, face aos conhecimentos biomédicos, não só da própria Educação Física, como também da Fisioterapia, da Terapia Ocupacional e da Fonoaudiologia. A possibilidade de que esta subárea cresça é bastante improvável. Assim, alguns estudos têm apontado que, apesar de as ciências *soft* continuarem fazendo parte dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF), o número de pesquisadores, de linhas de pesquisa e de produtos (dissertações e teses) vem decrescendo de forma sistemática (Castro *et al.*, 2017; Hallal; Melo, 2017; Saura; Zimmermann; Rubio, 2017).

Um dos motivos para isso, provavelmente, tem a ver com os processos de produção e difusão do conhecimento. De acordo com Lazzarotti Filho, Silva e Mascarenhas (2014), as práticas e intervenções da Educação Física mudam da perspectiva acadêmica, centrada nas teorias, para o engajamento político e o uso do livro para difundir conhecimento; para uma prática de caráter científico, com disputa por financiamentos, laboratórios, coordenações, tendo como referência os pesquisadores considerados produtivos de acordo com as métricas, voltadas, acima de tudo, ao periodismo.

Essas características das subáreas sociocultural e pedagógica têm gerado aspectos diretamente relacionados ao segundo ponto dos nossos fatores intrínsecos; as sugestões e ações de mudança dos pesquisadores desta subárea. A primeira delas tem acontecido de forma individual, de acordo com os níveis de pressão de cada PPGEF, aspectos epistemológicos e inserção do pesquisador na Educação Física e outras áreas, motivando a denominada “fuga de cérebros” (Hallal; Mello, 2017). “Com essa fuga de nossos intelectuais para outras áreas, perdemos oportunidades de avançarmos nas mais variadas possibilidades de desenvolvimento das questões da Educação Física” (Telles; Lüdorf; Pereira, 2017, p. 12).

Silva, Sacardo e Souza (2014) sugeriram outras estratégias, entre as quais se encontram a inserção da Educação Física em outras áreas de atuação, ou mesmo apresentar propostas para cursos novos para a área de ensino. Estas têm sido algumas das possibilidades discutidas em alguns

## O “Qualis” como critério cientométrico: possibilidades para a subárea sociocultural e pedagógica da educação física na quadrienal 2017-2020

espaços, entretanto, existem ainda resistências, pois vários pesquisadores entendem que o seu campo de debate, tensões e enfrentamentos é dentro da própria Educação Física, na Área 21 (Manoel, 2015).

### 4. Considerações Finais

Ao se avaliar como o sistema “Qualis” como um critério cientométrico tem sido usado na Educação Física brasileira e quais têm sido os impactos dessa avaliação para as subáreas sociocultural e pedagógica, encontra-se, em primeiro lugar, que o “Qualis” foi criado como uma medida cientométrica que tem como foco avaliar a produção dos pesquisadores de programas de pós-graduação em todas as áreas do conhecimento no Brasil. Este processo é feito *à posteriori*, ou seja, a contabilidade do que é produzido é feita após os programas informarem à Capes em que revistas seus corpos docentes publicaram os resultados de suas pesquisas.

A maior dificuldade dos pesquisadores das subáreas sociocultural e pedagógica reside no fato de que, já há algum tempo, eles vêm sendo estrangulados e com tendência a desaparecer nos PPGEF, considerando que a quantidade de periódicos para publicação é reduzida, bem como o fato de a área dar pouco valor aos livros e outras formas de produção afins a essas subáreas.

Assim sendo, as tensões têm sido constantes e algumas sugestões e ações vêm acontecendo no campo acadêmico e científico da Educação Física, embora todas de difícil solução. Destarte, os aspectos extrínsecos à área, como o produtivismo, as políticas apontadas pela Capes e os critérios adotados pelo “Qualis”, não são favoráveis a essas subáreas.

Por outro lado, alguns aspectos intrínsecos, como o fato de essas subáreas se caracterizarem como ciências da ação, pressupõem um estatuto epistemológico diferenciado e as sugestões de sair da Área 21, ou contar com a complacência e diálogo dos pesquisadores da biodinâmica, não parecem ser boas estratégias, considerando o fato de que este é um campo de disputas e tensões em que os pesquisadores hegemônicos tendem a determinar as regras do jogo.

Destarte, o quadro é pessimista, pois, aparentemente, não há uma saída de curto prazo. Talvez, uma possibilidade fosse a criação de uma outra área, separando a Educação Física da Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia e, neste novo delineamento, constituir-se a Educação Física I e II ou I, II e III, como já acontece na Medicina, Biologia e Engenharia, para citar alguns exemplos, com “Qualis” e processos de avaliação específicos para cada um. Contudo, não há ainda uma resposta sobre o que fazer, pois, aparentemente, não existem saídas de curto e médio prazos.

Mais uma vez, o que os documentos recentes apontam está na contramão deste processo, então, este debate continuará e sugere-se pensar alternativas conjuntas, com disposição para o diálogo das subáreas, sociocultural, pedagógica e biodinâmica, com a coordenação da área e a própria Capes.

## Referências

- AVENA, M. J.; BARBOSA, D. A. Indicadores bibliométricos das Revistas de Enfermagem sob a ótica das bases indexadoras. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 51, p. 1-9, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017014603262>.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 39).
- BOURDIEU, P. A causa da ciência: como a história social das ciências sociais pode servir ao progresso das ciências. **Política & Sociedade**, Florianópolis, n. 1, p. 143-161, Set. 2002. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Classificação da produção intelectual**. Brasília, DF: Capes, 2014.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Critérios de classificação Qualis – Área 21: Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional**, 2016.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Cursos Avaliados e Reconhecidos: Educação Física**. Brasília, DF: Capes, 2018a.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Proposta de Aprimoramento do Modelo de Avaliação da PG: documento final da comissão nacional de acompanhamento do PNPG 2011-2020 – 10/10/2018**, 2018b.
- CAMPOS, J. N. B. Qualis periódicos: conceitos e práticas nas Engenharias I. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 7, n. 14, p.477-503, 2010. DOI: 10.21713/2358-2332.2010.v7.14
- CASTELLANI FILHO, L. *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. Campinas: Cortez, 2014.
- CASTRO, P. H. Z. C. de *et al.* A produção científica em educação física de 2001 a 2010: caminhos da construção de um campo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 869-882, Jul./Set. 2017. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.64610>
- ERDMANN, A. L.; MARZIALE, M. H.; PEDREIRA, M. L. G.; LANA, F. C. F.; PAGLIUCA, L. M. F.; PADILHA, M. I.; FERNANDES, J. D. A avaliação de periódicos científicos Qualis e a produção brasileira de artigos da área de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeiro Preto, SP, v. 17, n. 3, p. 1-9, Maio/Jun. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692009000300019>.
- FONSECA, E. N. Bibliografia estatística e bibliometria: uma reivindicação de prioridades. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 2, n.1, p. 5-7, 1973.
- FRIGERI, M.; MONTEIRO, M. S. Al. Qualis Periódicos: indicador da política científica no Brasil? **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 19, n. 37, p.299-315, Jul./Dez. 2014.

O “Qualis” como critério cientométrico: possibilidades para a subárea sociocultural e pedagógica da educação física na quadrienal 2017-2020

GARFIELD, E. **The agony and the ecstasy: the history and meaning of the Journal Impact Factor**. Chicago, 2005.

HALLAL, P. C.; MELO, V. A. de. Crescendo e enfraquecendo: um olhar sobre os rumos da Educação Física no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 39, n. 3, p. 322-327, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2016.07.002>

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

LAZZAROTTI FILHO, A.; SILVA, A. M.; MASCARENHAS, F. Transformações contemporâneas do campo acadêmico-científico da educação física no Brasil: novos *habitus, modus operandi* e objetos de disputa. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 67-80, 2014. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.48280>

LINS, M. P. E.; PESSÔA, L. A. M. Desafios da avaliação de publicações em periódicos: discutindo o novo Qualis da Área Engenharias III. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 7, n. 12, p. 14-33, 2010. DOI: [10.21713/2358-2332.2010.v7.179](https://doi.org/10.21713/2358-2332.2010.v7.179)

LOVISOLO, H. R. Gestão de revistas: algumas considerações e sugestões para o debate. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 36, n. 4, p. 708-714, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2014.11.002>

MANOEL, E. de J. Produtivismo e ética na pesquisa em educação física: leituras, um conto e alguns casos. In: RECHIA, S. et al. **Dilemas e desafios da Pós-Graduação em Educação Física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015. p. 235-281.

MANOEL, E. de J.; CARVALHO, Y. M. de. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.2, p. 389-406, Maio/Ago. 2011.

OKUBO, Y. **Indicateurs bibliométriques et analyse des systèmes de recherche: méthodes et exemples**. Paris: Éditions OCDE, 1997.

RAZERA, J. C. C. Contribuições da cienciometria para a área brasileira de Educação em Ciências. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 22, n. 3, p. 557-560, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1516-731320160030001>

RIGO, L. C.; RIBEIRO, G. M.; HALLAL, P. C. Unidade na diversidade: desafios para a Educação Física no século XXI. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 339-345, 2011. DOI: <https://doi.org/10.12820/rbafs.v.16n4p339-345>

ROCHA-E-SILVA, M. O novo Qualis, ou a tragédia anunciada. **Clinics**, São Paulo, v. 64, n. 1, p. 1-4, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-59322009000100001>

ROCHA-E-SILVA, M. Qualis 2011-2013: os três erros. **Jornal Vascular Brasileiro**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 1-2, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1677-54492011000200002>

RODACKI, A. L. F. Qualis: implicações para a avaliação de programas de pós-graduação das diferentes áreas do conhecimento – uma análise preliminar. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 13, n. 30, p. 65-76, 2016.

SAMPAIO, T. M. V. Desafios e perspectivas para a divulgação da pesquisa em Educação Física: um processo de construção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, DF, v. 36, n. 4, p. 733-739, 2014.

SAURA, S. C.; ZIMMERMANN, A. C.; RUBIO, K. Os estudos socioculturais do movimento humano e os 40 anos da Pós-graduação da EEFÉ-USP. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, v. 31, n. esp, p. 111-19, Ago. 2017.

SGUISSARDI, Valdemar. Produtivismo acadêmico. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. N. C.; VIEIRA, L. M. F. (Orgs.). **Dicionário de trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Educação/UFMG, 2010, p. 1-4.

SILVA, J. A. da; BIANCHI, M. de L. P. Cientometria: a métrica da ciência. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 21, p. 5-10, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2001000200002>  
SILVA, R. H. dos R.; SACARDO, M. S.; SOUZA, W. L. de. Dilemas da política científica da Educação Física brasileira em tempos de produtivismo acadêmico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1563-1585, Out./Dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.43145>

TAVARES, O. Desafios e dilemas da pós-graduação em educação física: os estudos socioculturais e a área 21. In: RECHIA, S. et al. **Dilemas e desafios da Pós-Graduação em Educação Física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015. p. 219-234.

TELLES, S.; LÜDORF, S.; PEREIRA, E. (orgs.). **Pesquisa em educação física: perspectivas sociocultural e pedagógica em foco**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

## Notas

---

<sup>i</sup> A Área 21 é uma subárea das ciências da saúde, que congrega os programas de pós-graduação *stricto sensu* de Educação Física, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional.

<sup>ii</sup> Usar-se-á cienciometria ou métodos cienciométricos (Razera, 2016) e cientometria ou métodos cientométricos (Silva; Bianchi, 2001) como sinônimos.

<sup>iii</sup> Adotar-se-á o termo campo científico ou campo acadêmico científico, como é proposto por Bourdieu (1983), no que diz respeito às diferentes “ciências”, tanto duras (*hard*) quanto ciências brandas (*soft*). Porém, ao se remeter à ideia de área de conhecimento, tem-se como foco a ideia constituída no Brasil pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e pela Capes que é usada como referência para a definição das políticas de pesquisa e pós-graduação.

<sup>iv</sup> Apesar de aqui ser mencionado apenas o FI, existem outras bases indexadoras que usam cálculos semelhantes, como é o caso do índice do SJR (Science Journal Report) adotado pela base Scopus e o H5 usado pelo Google Acadêmico.

<sup>v</sup> Para conhecer outros índices e parâmetros, sugerem-se os estudos de Erdman *et al.* (2009) e Avena e Barbosa (2017).



<sup>vi</sup> Será adotado aqui o termo “Qualis” (entre aspas e em itálico) para se referir ao sistema de forma geral que estabelece os critérios de avaliação.

<sup>vii</sup> Deve-se registrar que, no final de 2022, foi divulgado um novo “Qualis” Capes. Nesse novo modelo, os estratos vão de A1 (100) (o mais alto), A2 (90), A3 (80), A4 (70), B1 (60), B2 (50), B3 (40), B4 (30) e C (0) (que corresponde a zero), mas não trazem impacto nas análises quantitativas deste estudo, mas que podem trazer impactos em aspectos qualitativos dos Programas de Pós-Graduação.

<sup>viii</sup> Na CAPES, existe uma diferença entre Cursos e Programas. Cursos correspondem a cada nível específico, ou seja, mestrados acadêmicos, mestrados profissionais, doutorados acadêmicos e doutorados profissionais. Geralmente se dividem em Programas de Pós-Graduação Acadêmico ou Programas de Pós-Graduação Profissional. Dependendo da nota dos programas eles podem ter apenas cursos de mestrado (geralmente quando têm notas 3 e/ou 4) e Programas com cursos de Mestrado e Doutorado (com notas acima de 4). Neste caso tem-se um número maior de cursos do que de programas.

<sup>ix</sup> Dos 37 programas, 22 possuem cursos de mestrado e doutorado e outros 15 somente mestrado (13 acadêmicos e 2 profissionais). Por isso, quando se somam os cursos, chega-se a 59 no último quadriênio, conforme dados apresentados (Brasil, 2018a).

<sup>x</sup> Como alguns Programas foram abertos durante o quadriênio 2017-2020, não tivemos acesso aos seus dados.

<sup>xi</sup> Em 2019, na Reunião de Avaliação do meio do quadriênio da Área 21 (Meio Termo), esta proposta foi apresentada como estando em processo de implantação para a avaliação dos PPG no quadriênio 2017-2020, a qual foi efetivada a partir de 2021.

## Sobre os autores

### **Cátia Regina Assis Almeida Leal**

Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Rondonópolis, Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Goiás - Regional Goiânia (2006), Mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2002), Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás - Regional Jataí (1997). Professora Associada da Universidade Federal de Goiás - Regional Jataí com atuação no Programa de Pós-Graduação em Educação e nos cursos de Educação Física (Bacharelado e Licenciatura). Email: [catiaassisleal@gmail.com](mailto:catiaassisleal@gmail.com) Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5960-236X>

### **Tadeu João Ribeiro Baptista**

Possui graduação (Licenciatura Plena) em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física de Goiás (ESEFEGO). É Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Goiás. É Doutor em Educação pela UFG. Realizou Pós-Doutorado em Educação na Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é Professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde atua como Docente no Departamento de Educação Física. Tem vínculo com o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFRN). Email: [tadeujrbaptista@yahoo.com.br](mailto:tadeujrbaptista@yahoo.com.br) Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5140-2032>

### **Thiago Borges de Oliveira**

Doutor em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Goiás (2017). Atualmente, é professor adjunto da Universidade Federal de Jataí. Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Banco de Dados Espaciais Distribuídos, Robótica Educacional e Ensino. Trabalhou com desenvolvimento de software na iniciativa privada,



liderou equipes na produção de softwares e foi sócio-fundador de empresa startup de desenvolvimento de software para integração de cadeias produtivas. Também atua na pesquisa em Robótica Educacional, com projeto para o desenvolvimento de uma linguagem de programação e compilador para uso em robôs de baixo custo aplicados ao ensino. Email: [thborges@ufg.edu.br](mailto:thborges@ufg.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9603-0356>

### **Minéia Carvalho Rodrigues**

Possui graduação em Educação Física pelo Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás (1997), Mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2002) e Doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2007). Atualmente, é Professor Associado da Universidade Federal de Mato Grosso. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Atividade Física, Adaptação e Saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: Lazer, Conhecimento. Email: [mineia.rodrigues@ufmt.br](mailto:mineia.rodrigues@ufmt.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0666-2323>

Recebido em: 27/11/2023

Aceito para publicação em: 30/01/2024